



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Serviço Social, Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional

Sub-Eixo: Ênfase em Trabalho Profissional

O MÉTODO DE MARX E O SERVIÇO SOCIAL

Rafaela Vieira¹

Resumo: O trabalho busca articular o método marxiano ao processo de trabalho do/a assistente social, realizando apontamentos sobre as possibilidades de aplicação do materialismo histórico à prática profissional, bem como, enfatizando a necessidade de que se faça tal aplicação para uma prática comprometida com a classe trabalhadora.

Palavras-chave: método dialético; Karl Marx; Serviço Social; relação teoria e prática.

Abstract The paper seeks to articulate the Marxian method to the social worker's work process, making notes on the possibilities of application of historical materialism to professional practice, as well as emphasizing the need to make such an application for a practice committed to the class worker.

Keywords: dialectical method; Karl Marx; Social work; theory and practice.

1- Apresentação

O presente texto tem como objetivo debater o trabalho do/a Assistente Social à luz da teoria marxista, sobretudo no que diz respeito ao método dialético materialista. Iniciaremos apontando algumas formulações teórico-metodológicas de Marx, em seguida trataremos algumas considerações acerca do método do autor para, por fim, abordarmos a relação entre o método e o Serviço Social, buscando demonstrar não só a possibilidade, mas a necessidade da aplicação dessa teoria para a efetivação de uma prática profissional comprometida com a classe trabalhadora.

2- As formulações teórico-metodológicas de Karl Marx

Antes de abordarmos o método de Marx, nos deteremos às principais formulações teórico-metodológicas do autor, pois consideramos que isso nos leva a compreender com maior clareza o seu método. Para começar, podemos citar a concepção elaborada a partir da influência recebida do materialismo de Feuerbach: são as condições materiais do ser social que determinam sua consciência. Assim, podemos afirmar que Marx superou o idealismo hegeliano. Para Hegel, considerado o maior filósofo do século XIX, é a

¹ Estudante de Pós-Graduação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, E-mail: haphynah@hotmail.com.

consciência que determina o mundo material. Em *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel. Introdução*, de 1844, é possível perceber o fundamento ontológico da obra marxiana.

Já outra formulação essencial do pensamento marxiano provém justamente de Hegel, e diz respeito à historicidade de tudo que pertence ao mundo social. Para Marx, o mundo não é um conjunto de coisas prontas, mas “um conjunto de *processos*” (MARX-ENGELS *apud* NETTO, 2011, p. 31). Isto é, tudo está em permanente transformação; tudo que é social tem uma gênese, um processo de desenvolvimento e consolidação e, posteriormente, chega a momentos de crise e é superado. Essa superação, todavia, ao mesmo tempo que traz o novo, conserva elementos do velho.

Cabe destacar também o papel prioritário atribuído à ação humana. Portanto, se Marx incorporou o materialismo de Feuerbach, superou seu lado contemplativo. Nas *Teses sobre Feuerbach*, de 1845, é possível perceber o fundamento histórico presente nas formulações de Marx. Ele escreve:

A principal insuficiência de todo o materialismo até os nossos dias – o de Feuerbach incluído – é que as coisas [*der Gegenstand*], a realidade, o mundo sensível são tomados apenas sobre a forma do *objeto (Objekt) ou da contemplação (Anschauung)*; mas não como *atividade sensível humana, práxis*, não subjetivamente. (MARX, 1986, p. 121)

Essa permanente transformação do mundo leva, conseqüentemente, a novas formas de organização social. Para Marx, a maneira como a sociedade se organiza é determinada pela fase do desenvolvimento das forças produtivas. Assim, a cada nova forma que o ser humano desenvolve para a produção da riqueza material necessária para a reprodução da vida social, corresponde uma forma de troca, de consumo, de organização política, de práticas sociais e culturais. Ou seja, cada modo de produção corresponde a determinada sociedade (MARX *apud* NETTO, 2011, p. 33). E cada sociedade traz consigo determinadas relações sociais. Dessa forma, as relações entre os humanos estão diretamente ligadas ao modo de produção de sua época. Como afirma Marx:

[...] Os homens, ao desenvolverem as suas faculdades produtivas, isto é, vivendo, desenvolvem certas relações entre si, e [...] o modo destas relações muda necessariamente com a modificação e o desenvolvimento daquelas faculdades produtivas. (MARX *apud* NETTO, 2011, p. 34)

E se o mundo social está permanentemente em movimento, tudo o que está nele é transitório. Assim são, portanto, as ideias e categorias de pensamento. Estas são produzidas pelos homens e mulheres de acordo com suas relações sociais e, nesse sentido, são tão

históricas e transitórias quanto as relações que expressam (MARX *apud* NETTO, 2011, p. 35).

Outra formulação teórico-metodológica fundamental da obra marxiana é a perspectiva de totalidade. Isto é, para Marx a sociedade burguesa consiste em uma totalidade concreta, constituída por organizações econômicas, instituições políticas, sociais e culturais. Da mesma forma, a realidade é constituída por diversas totalidades com variados graus de complexidade. A sociedade burguesa é a totalidade com o máximo grau de complexidade, enquanto as totalidades que as compõem possuem menores complexidades (NETTO, 2011, p. 56).

Por fim, destacamos a compreensão de Marx segundo a qual o mais desenvolvido explica o menos desenvolvido. Assim sendo, para ele, o presente esclarece o passado, pois somente quando uma forma mais complexa se desenvolve plenamente se pode compreender o menos complexo, isto é, o que estava ainda por se desenvolver (NETTO, 2011, p. 48).

3- O método de Marx

Ao falarmos do método de Marx devemos ter, antes de mais nada, clareza de que este pensador não desenvolveu um método de pesquisa acreditando poder aplicá-lo, a partir de então, a qualquer objeto, tampouco deixá-lo para as gerações posteriores como um modelo a ser seguido. Marx, para quem um investigador da sociedade deve se reportar, sobretudo, à história, compreendeu que cada momento histórico possui suas próprias leis. Portanto, são as particularidades de cada época, de cada formação social, que devem reger o processo investigativo.

Marx se debruçou sobre o estudo da sociedade burguesa, que era seu objeto de pesquisa. Porém, ao concluir que a sociedade se organiza a partir do seu modo de produzir as condições materiais da vida social, o pensador alemão se voltou para a pesquisa acerca da produção da riqueza social na sociedade burguesa, isto é, o modo de produção capitalista. Nesse sentido, como nos aponta Netto (2011, p. 17), “pode-se circunscrever como o problema central da pesquisa marxiana a gênese, a consolidação, o desenvolvimento e as condições de crise da sociedade burguesa, fundada no modo de produção capitalista”.

Por estas razões, Montaño (2012) afirma que além dos fundamentos histórico e ontológico, é possível acrescentar ao método de Marx o fundamento *a posteriori*, justamente pelo fato de seu método ter sido desenvolvido após a escolha do objeto, a sociedade capitalista. Portanto, podemos considerar que o método de Marx tem um caráter

instrumental; isto é, não foi desenvolvido para conhecer, mas para conhecer um objeto específico.

Lênin observou que “a Marx não interessava elaborar uma ciência da lógica: importava-lhe a lógica de um objeto determinado” (LÊNIN *apud* NETTO, 2011, p. 27). Lukács (1981), da mesma forma, afirmou que Marx não nos deixou um método acabado, nos deixou a lógica do capital.

Como sabemos, Hegel foi uma das principais influências de Marx. Para Turin (2012, p. 185), Hegel formulou uma concepção segundo a qual “todo conhecimento é produzido de acordo com circunstâncias históricas, por indivíduos e sociedades específicas”. Além disso, os homens são, ao mesmo tempo, sujeitos do conhecimento e sujeitos da ação histórica. Dessa forma, há um condicionamento mútuo entre sujeito que conhece e objeto a ser conhecido, o que proporciona ao primeiro “um processo cada vez mais amplo de reconhecimento de si, através do conhecimento do mundo” (TURIN, 2012, p. 188).

Ainda segundo o autor, o pensamento dialético hegeliano pressupõe o movimento contínuo do conhecimento. Explicando resumidamente, esse processo é composto por três etapas: a tese, a antítese e a síntese.

A tese é o momento inicial, de afirmação, quando o mundo é definido por nossas categorias interiorizadas. A antítese é o momento de negação do momento afirmativo anterior, quando nossa situação no mundo, ou nosso confronto com o objeto, revela uma incompatibilidade entre nossas categorias prévias e esse mundo confrontado. Por fim, como resultado desses dois momentos opostos, surge a síntese, que é o momento de conciliação, no qual a positividade e a negatividade dos dois primeiros momentos unem-se em uma nova totalidade. (TURIN, 2012, p. 189)

O momento da síntese, no entanto, não é conclusivo. Ao contrário, essa relação dialética é um processo em aberto levando sempre a novas sequências. Cabe ressaltar também que, como observa Turin, os elementos que fazem parte da oposição não são anulados, mas sintetizados em uma nova unidade, que ao mesmo tempo que supera, conserva os elementos superados no que estes têm de essencial.

De Hegel, portanto, Marx incorporou a compreensão dialética do permanente movimento do conhecimento, que acompanha a realidade que também se movimenta constantemente. Porém, como afirma Marx,

Meu método dialético não apenas difere ao de Hegel, quanto a seus fundamentos, como também é sua antítese direta. Para Hegel, o processo do pensamento (...) é o demiurgo [o criador] do real; o real não é mais do que sua manifestação externa. Para mim, ao contrário, o ideal não é senão o material transposto e traduzido na mente humana. (MARX *apud* TURIN, 2012, p. 201)

Nesse sentido, para Marx o conhecimento consiste na apreensão da matéria pelo pensamento. E justamente por isso, o ponto de partida do método dialético materialista é o real.

Podemos considerar que o método marxiano possui três momentos e dois caminhos (MONTAÑO, 2012). O momento inicial consiste no concreto sensível, que é a realidade tal qual a percebemos no cotidiano. O sujeito que busca conhecer a essência desta realidade, pois ela não se mostra de imediato – caso contrário, nas palavras de Marx, toda ciência seria supérflua –, deve decompor os elementos que compõem esta realidade e dar a cada um deles um tratamento autônomo. Estes elementos consistem nas categorias de análise, as quais o pesquisador deve estudar a partir da capacidade de abstração. É este, pois, o segundo momento do método de Marx. E o primeiro caminho é justamente o que foi descrito acima: a decomposição dos elementos do real. Tendo realizado este percurso, o sujeito que investiga parte para o segundo caminho, que é a articulação das categorias (a síntese) para a reconstrução do concreto. Mas agora trata-se do concreto apreendido pelo pensamento, portanto, o concreto pensado, a teoria. E este consiste, finalmente, no terceiro momento do método de Marx.

Hegel parte do que Marx chama de abstrações, para sintetizá-las e chegar à teoria. Ele ignora o concreto sensível como ponto de partida.

Na compreensão de Marx, tendo em vista que a realidade é dinâmica, é necessária uma constante volta ao ponto de partida. A teoria, por sua vez, embora deva ser o mais fiel possível ao real, não pode ser confundida com o real. As razões para tal afirmação são: há mais determinações no real do que o sujeito é capaz de conhecer; o real é dinâmico, e quando o sujeito o compreende, ele já mudou novamente; e justamente por estar na esfera do pensamento. Cabe ressaltar que “em Marx, há uma contínua preocupação em distinguir a esfera do ser da esfera do pensamento” (NETTO, 2011, p. 45). A teoria é produto do pensamento, por isso concreto pensado.

Cabe frisar que em hipótese alguma o método de Marx pode ser confundido com indução e dedução. Indução consiste na formulação de leis a partir da verificação da repetição de determinados fenômenos. Dedução consiste na aplicação de leis supostamente imutáveis a qualquer realidade. Para Marx, toda lei é tendencial, não podendo, portanto, ser aplicada a qualquer realidade. Segundo Netto (2011, p. 24), em Marx uma lei é uma tendência histórica. Assim, cada período histórico tem suas próprias leis.

Convém também salientar que, embora o que percebemos de imediato na realidade não seja sua essência, apenas sua aparência, esta última não deve ser descartada no processo de investigação. Segundo Kosik (1976), a aparência é parte constituinte de uma

totalidade social. Coutinho (1972) também afirma que não se pode separar aparência e essência, pois, embora muitas vezes contraditórios, estes dois elementos constituem a realidade.

Já expusemos acima os três momentos do método de Marx, sendo o segundo a análise das categorias, estas tratadas como elementos autônomos e estudadas através da capacidade de abstração. Como afirma Marx (1968, p. 4): “[...] é mais fácil estudar o organismo, como um todo, do que suas células. Além disso, na análise das formas econômicas, não se pode utilizar nem microscópio nem reagentes químicos. A capacidade de abstração substitui esses meios”.

Netto (2011, p. 44) define a abstração da seguinte forma: “é a capacidade intelectual que permite extrair de sua contextualidade determinada (de uma totalidade) um elemento, isolá-lo, examiná-lo”. Este autor explica que a abstração “retira do elemento abstraído as suas determinações, até atingir ‘determinações as mais simples’”. Nessa ação o elemento abstraído, que na totalidade é concreto porque está saturado de determinações, se torna abstrato.

O caminho de volta, que é a síntese dos elementos abstraídos, leva à compreensão do real, pois agora ele pode ser visualizado em suas múltiplas determinações. Segundo o próprio Marx,

O concreto é concreto, porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso, o concreto aparece no pensamento como o processo de síntese, como resultado, não como ponto de partida, embora seja o verdadeiro ponto de partida também da intuição e da representação. (MARX, 2008, p. 258)

O objeto é, portanto, compreendido a partir de todas as suas determinações, ou seja, em sua totalidade. Cabe ressaltar que totalidade não consiste na junção de todas as partes, mas na relação dialética existente entre todas as determinações do objeto, muitas vezes contraditórias entre si; relação essa que não é direta, mas mediada por diversos elementos.

4- O método e o Serviço Social

Para Sant'ana e Silva (2013), o aprendizado a respeito do método de Marx não deve se limitar aos bancos acadêmicos e aos livros. Mais do que isso, deve se estender ao fazer prático-profissional, o que diz respeito também à atuação do/a assistente social. Isso inclui a revisão permanente de concepções presentes na sociedade capitalista e a subversão do modo de pensar e agir próprios de tal forma de sociabilidade, pautada por relações sociais fetichizadas. De acordo com os autores, isso significa aderir à visão da classe que vive do trabalho.

Löwy (1988) considera que a visão do operariado é aquela que pode ir mais longe, a que pode chegar mais próximo da verdade, pois, fazendo uma analogia com um mirante, a concepção de mundo da classe trabalhadora estaria no patamar mais alto por ser aquela que não busca a conservação de nenhum elemento da atual ordem social, mas a superação desta. Portanto, o operariado não tem o que temer, ao contrário de outras classes, sobretudo a burguesia, que busca conservar a ordem existente.

Sant'ana e Silva (2013) ponderam que não é possível atravessar os limites institucionais e da própria profissão e promover a emancipação social de si mesmo e da população atendida através da intervenção profissional. Pensar assim seria cair no messianismo. Ao contrário, é necessário apreender, a partir da análise da realidade concreta, as contradições inerentes ao modo de produção capitalista e a impossibilidade de “consertar” ou melhorar a ordem por ele regida. Portanto, é essencial ao Serviço Social e ao assistente social apreender as contradições da ordem burguesa e as nuances da luta de classes para “dar uma contribuição no âmbito das disputas materiais-ideológicas instauradas no atual contexto” (Sant'ana e Silva, 2013, p. 91-2) e, assim, fortalecer a defesa dos interesses daqueles que vivem do trabalho. Para tanto, a perspectiva de totalidade consiste em elemento de suma importância.

Dessa forma, essa possibilidade de fazer teórico-prático do assistente social não está baseada em apontamentos preestabelecidos, mas depende de uma constante análise da realidade concreta, o que pode se dar na atuação cotidiana e na participação em fóruns. Com isso, os autores chamam a atenção também para o potencial do “cotidiano miúdo”, que aparentemente não tem papel significativo, mas que pode contribuir para solucionar questões amplas e complexas.

Cabe também destacar o papel do trabalho do/a assistente social em sua dimensão socioeducativa. Para Sant'ana e Silva (2013, p. 193-4), quando a intervenção do Serviço Social se dá nessa direção, a tendência é “estimular a organização coletiva, a participação política, a leitura crítica do pensamento e das ações dominantes reforçadoras da sociabilidade do capital”, em vez de perpetuar a meritocracia e a individualização e culpabilização das pessoas pelos seus problemas. Com isso, os indivíduos poderão se ver não como “incapazes”, “fracassados”, mas como pessoas que têm seus direitos violados, pessoas que apesar de contribuir para a produção social da riqueza, não têm acesso a ela; mas também como sujeitos capazes de intervir coletivamente nos rumos da história da sociedade. Segundo os autores, é nesse sentido que está compreendido

o fato da opção ético-política do assistente social estar diretamente vinculada à capacidade dele decifrar os complexos mecanismos ideológicos que são colocados como suportes de uma sociedade que estimula o individualismo, a utilização

predatória e inconsequente dos recursos naturais, que faz das políticas públicas instrumentos de manutenção da atual configuração de classes. (SANT'ANA E SILVA, 2013, p. 194)

Porém, é preciso ter em mente os limites da atuação profissional e das políticas sociais para não incorrer em posições messiânicas, que em nada podem contribuir para a emancipação dos sujeitos. Por isso, convém ter ciência da inserção do Serviço Social na divisão sociotécnica do trabalho e das demandas a ele atribuídas.

Ao abordar a dimensão pedagógica do trabalho do/a assistente social, Abreu (2002) conclui que uma vez que está impregnada na cultura brasileira uma tendência ao assistencialismo e ao filantropismo, a intervenção profissional pode estar voltada tanto para reproduzir essa cultura quanto para contribuir para a emancipação social dos sujeitos das classes subalternas. Se pautada por esta segunda possibilidade, a atuação profissional estará vinculada a uma mudança cultural.

5- Conclusão

Podemos afirmar que atualmente o marxismo é a corrente de pensamento hegemônica no Serviço Social brasileiro. Na academia muito se lê Marx e os demais autores vinculados à tradição inaugurada por ele, porém, ainda é recorrente entre a categoria a concepção de que a teoria não se aplica à prática. Ainda hoje, é comum observarmos o desconhecimento de estudantes e mesmo de profissionais em relação à aplicação da teoria marxista no processo de trabalho do/a assistente social. Dessa forma, procuramos demonstrar com este trabalho que a utilização do método dialético materialista é não apenas possível mas necessária para a efetivação de uma prática comprometida com a classe trabalhadora.

REFERÊNCIAS

ABREU, Marina Maciel. **Serviço Social e a organização da cultura: perfis pedagógicos da prática profissional**. São Paulo: Cortez, 2002.

COUTINHO, Carlos Nelson. **O estruturalismo e a miséria da razão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

LENIN. As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo. *In. Obras escolhidas em três tomos*. São Paulo: Alfa-ômega, 1986.

LÖWY, Michel. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen**. São Paulo: Busca Vida, 1988.

LUKÁCS, Georg. Marxismo e questões de método na ciência social. *In.* NETTO, J. P. (org.) **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1981.

KORSCH, Karl. **Marxismo e filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008.

KOSÍK, Karel. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MARX, Karl. **O capital**. Crítica da economia política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: I – Feuerbach**. 5ª ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

MONTAÑO, Carlos. **Aula ministrada na disciplina Tópicos Especiais em Teoria Social**. Rio de Janeiro: PPGSS/UFRJ, 2012. (Comunicação oral)

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

SANT'ANA, R. S.; SILVA J. F. S. O método na teoria social de Marx: e o Serviço Social? **Revista Temporalis**, n. 25. Brasília, 2013. p. 181-203.

TURIN, Rodrigo. Método dialético. *In.* TEIXEIRA, Felipe Charbel; et al. **Metodologia da pesquisa histórica**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2012.